
**XICA MANICONGO:
A TRANSGENERIDADE TOMA A PALAVRA**

XICA MANICONGO:
THE TRANSGENDERITY TAKES THE FLOOR

XICA MANICONGO:
LA TRANSGENERIDAD TOMA LA PALABRA

Jaqueline Gomes de Jesus¹

RESUMO

O presente artigo apresenta a estória de Xica Manicongo, natural do Congo e escravizada, registrada oficialmente como Francisco, conhecida atualmente como a primeira travesti da História do Brasil, considerando os registros de sua existência, derivados os arquivos da Primeira Visitação da Inquisição. Delineando uma trajetória histórica dos usos das informações disponíveis desde o século XVI, por parte de pesquisadores, movimentos sociais e artísticos, reitera-se o caráter mobilizacional da construção de memória coletiva, e seu papel relevante na construção e protagonização de identidades grupais, particularmente, daquelas identificadas no âmbito das identidades de gênero trans, tendo em vista sua apropriação simbólica e ressignificação na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade de gênero. História. Memória coletiva. Indivíduo. Movimentos sociais. Transgeneridade.

ABSTRACT

This article presents the story of Xica Manicongo, a native of Congo and enslaved, officially registered as Francisco, known today as the first *travesti* of Brazilian History, considering the records of her existence, derived from the archives of the First Visitation of the Inquisition. Outlining a historical trajectory of the uses of the information available since the 16th century by researchers, social and artistic movements, the mobilizational character of the construction of collective memory is reiterated, and its relevant role in the construction and protagonization of group identities, particularly of those identified within the scope of transgender identities, in view of their symbolic appropriation and redefinition in contemporaneity.

KEYWORDS: Gender identity. History. Collective memory. Individual. Social movements. Transgenerality.

RESUMEN

El presente artículo presenta la historia de Xica Manicongo, natural del Congo y esclavizada, registrada oficialmente como Francisco, conocida actualmente como la primera travesti de la Historia de Brasil, considerando los registros de su existencia, derivados los archivos de la Primera Visitación de la Inquisición.

Submetido em: 08/04/2019 **Aceito em:** 08/04/2019 **Publicado em:** 01/06/2019

¹ Professora de Psicologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ. Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília – UnB, com Pós-Doutorado pela Escola Superior de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC/FGV Rio. Pesquisadora-Líder do ODARA – Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura, Identidade e Diversidade (CNPq). Autora do livro “Transfeminismo: Teorias e Práticas” (Metanoia Editora, 2014).

Delineando una trayectoria histórica de los usos de las informaciones disponibles desde el siglo XVI, por parte de investigadores, movimientos sociales y artísticos, se reitera el carácter movilizacional de la construcción de memoria colectiva, y su papel relevante en la construcción y protagonización de identidades grupales, particularmente, de aquellas identificadas en el ámbito de las identidades de género trans, teniendo en vista su apropiación simbólica y resignificación en la contemporaneidad.

PALABRAS CLAVE: Identidad de género. Historia. Memoria colectiva. Individuo. Movimientos sociales. Transgenderism.

INTRODUÇÃO

Sic illa ad arcam reversa est (Assim ela voltou à arca).

A epígrafe que abre este artigo é o lema da Cidade de Salvador, a qual se refere ao episódio relatado na Bíblia sobre o retorno da pomba que indicou a Noé que havia terra para desembarcar da arca, após o dilúvio.

Eu venho contar uma estória, mais do que apenas uma história. Estória por ter ocorrido, pelo episódio ter sido registrado. Mas esta também é uma História, a nossa. A dos opressores e a dos oprimidos. A do pensamento eurocêntrico e a das epistemologias “amefricanas” (GONZALEZ, 1988), que se constituem na complexa realidade psíquica e cultural brasileira, que nos constitui como sujeitos de uma América Africana La(t/d)ina. Um olhar a partir das vidas trans, tão longamente apagadas, violentadas, assassinadas.

Trago verdades, não necessariamente as suas, mas a de algumas pessoas como esta que lhe escreve. Verdades são construídas, demoram a serem reconhecidas como tais. Primeiramente são ridicularizadas, depois rejeitadas, e enfim, aceitas (JESUS, 2015). O que você fará deste relato e das minhas breves reflexões, só a você cabe dizer.

A presente reconstrução da trajetória dos usos da história de Xica Manicongo visa a reiterar o caráter de seleção e reconstrução contínua da memória coletiva, a partir do processo de identificação dos indivíduos com os seus grupos (JESUS, 2014a).

Xica na Cidade da Bahia

Havia na capital do país, São Salvador da Bahia de Todos os Santos, também conhecida, posteriormente, como Cidade da Bahia ou simplesmente Salvador, então colônia de Portugal, nos idos de 1591, uma africana do Congo escravizada e vendida a um sapateiro, a qual chamamos de Xica Manicongo.

O registro da existência de Xica Manicongo se deve à extensa pesquisa de Luiz Mott sobre a



perseguição aos chamados “sodomitas” no Brasil, a partir da documentação inquisitorial encontrada no arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa, Portugal. Para maiores informações, recomendo a leitura de Mott (1999).

Mais uma Francisca entre tantas que lutam diuturnamente para sobreviver, em meio ao ódio e o preconceito que nos cerca, ontem e hoje.

Manicongo era, originalmente, um título para governantes do Reino do Congo (*Mwene Kongo*, literalmente, Senhor do Congo), que foi transformado na corruptela que conhecemos pelos portugueses, para designar pessoas oriundas da região (Ou seria Xica uma rainha?).

Coberta com um pano que prendia com o nó para frente, à moda dos *quimbanda*³ de sua Terra Natal, e apesar de sua condição desumanizada, imposta pelos homens brancos, os candangos, ela andava sobranceira por toda Cidade Baixa, às vezes subindo para a Cidade Alta e voltando, a serviço do seu senhor, ou só passeando, inclusive para encontrar os seus homens. Diz-se que Xica era conhecida por ser muito namoradeira. Mesmo no inferno da escravidão havia frestas, sempre escavadas pela gente negra.

XICA NO TEMPO

“Divi-divi-divi-dividir salvador
 Diz em que cidade você que se encaixa
 Cidade alta ou cidade baixa
 Diz
 Em que cidade que você?”⁴

A Primeira Visitação

Esse sopro de liberdade encontrado por Xica, entre os becos sujos e casas imundas cheirando a opressão, muito importunava um tal de Matias Moreira, cristão-velho⁵ que tinha saído de Lisboa, o qual mais de uma vez a interpelou, no meio da rua, para que não usasse mais daquele estilo e passasse a usar “vestido de homem” – interessante pensar no quanto de

³ O termo é bantu, e significa, basicamente, “invertido”, tendo adquirido também o sentido de “curador” e, posteriormente, para os umbandistas do século XX, referindo-se a um ramo de sua religião.

⁴ Trecho da música “Duas Cidades”, do álbum homônimo lançado pelo 2016 grupo BaianaSystem.

⁵ Ou “cristão puro”, era um termo com fins ideológicos, para demonstrar prestígio, designando o cristão que não foi judeu nem tinha antepassados judeus.

estereótipos de gênero na moda preservamos, ou pior, evoluímos, de lá pra cá.

Ela se recusou! Xica não obedeceu. Continuo a ser por fora quem era por dentro, sem se vestir daquilo que não era.

Deu-se, porém, a primeira visita da Inquisição, denominada visitação. O dito cujo estava tão incomodado que a denunciou à Igreja, e ela foi acusado do crime de sodomia, que não se restringia ao que hoje entendemos por homossexualidade ou transexualidade. Qualquer prática tida como “nefanda” era classificada na categoria sodomítica, como sexo oral ou anal entre homens e mulheres, mesmo os casados (TREVISAN, 2007).

O código penal vigente à época era as Ordenações Manuelinas, que equiparavam a sodomia ao crime de lesa-majestade. A pessoa considerada culpada deveria ser queimada viva, em um auto de fé em praça pública, ter seus bens confiscados pela Igreja Católica e a infâmia lançada sobre os seus descendentes até a terceira geração.

Tente imaginar o terrível impacto que uma possível condenação, desse nível, causava em qualquer pessoa.

Tachada pejorativamente como “quimbanda, membro de uma quadrilha de feiticeiros sodomitas” (QUIMBANDA DUDU, 2005, p. 27), O que se comenta é que Xica, para continuar viva, abriu mão de se vestir como lhe convinha e adotou o estilo de vestimenta tradicional para os homens da época...

As Ordenações Filipinas, que substituíram as Manuelinas em 1603, acrescentaram o crime de se vestir com os trajes de alguém de gênero diverso ao atribuído socialmente, exceto se em festas ou jogos, cujas penas iam do degredo de três anos para os homens e de dois para as mulheres, além do pagamento de multa para o denunciador.

Xica Redescoberta pelas Suas

Xica, por séculos, quando lembrada em nota de alguma pesquisa sobre as denúncias da primeira visitação do Santo Ofício à Bahia, foi chamada de Francisco, seu nome de batismo, e por tempo equivalente foi apontada como homem, até que sua história foi resgatada, nestes novos tempos de movimentos sociais, após estudos sobre a Inquisição no Brasil que consideraram a interseção com gênero e sexualidade algo necessário, que lhe apontaram como a primeira travesti alvo dos processos, e seu nome social atribuído postumamente por Majorie Marchi, militante travesti negra que presidia a ASTRA-Rio (Associação de Travestis

e Transexuais do Rio de Janeiro), até seu falecimento⁶.

A ASTRA-Rio chegou a criar o Troféu Xica Manicongo⁷ (Figura 1), em 2010, voltado aos direitos humanos, cultura e promoção da cidadania de travestis e transexuais.

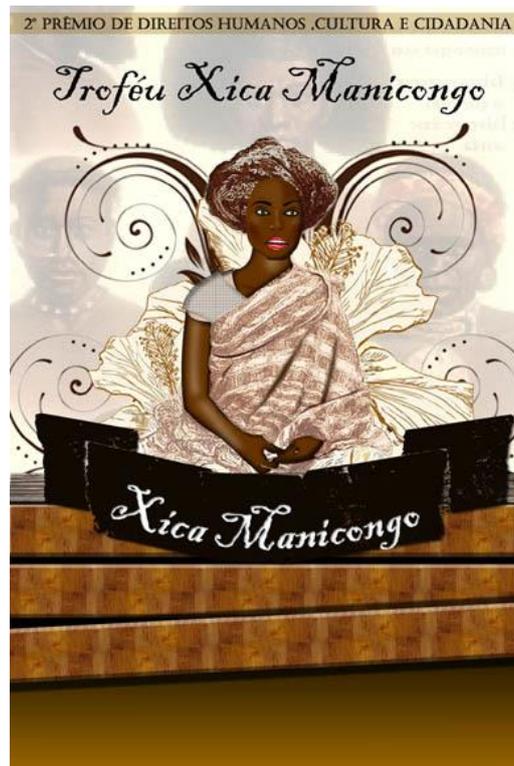


Figura 1. Ilustração para o Troféu Xica Manicongo.

Fonte: Autoria não identificada⁸.

Para termos consciência de quem somos precisamos de memória, de ter conhecimento de nossa história, de onde viemos, de que a nossa população lutou, e morreu, para que tivéssemos os mínimos direitos dos quais hoje gozamos.

A arca da História prosseguiu, e até fins do século XX, Xica Manicongo ainda era, erroneamente (porém explicável, tendo em vista as limitadas informações então disponíveis e a invisibilização e silenciamento impostos à população trans), considerada homossexual, o que apagava a sua existência como travesti.

Então, as pessoas trans começaram a ler sobre aquela negra virada do século XVI, com ela se

⁶ <http://www.nlucon.com/2016/04/morre-aos-42-anos-majorie-marchi.html>

⁷ <http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2010/03/05/trofeu-xica-manicongo-sera-entregue-na-casa-de-cultura-laura-alvim>

⁸ Fonte: <http://www.ggb.org.br/trofeu%20xica%20manicongo%20no%20rio.html>

identificaram, no jeito de ser, no temperamento, na ousadia de enfrentar a cisgeneridade, empreendimento intelectual impulsionado pela apropriação do pensamento transfeminista (JESUS, 2014b), e que se expressou, na prática, pelas diversas ressignificações da figura histórica.

Francisco. Francisca. Xica.

Qual era o seu nome antes de ter sido chamada de “Francisco” pelos colonizadores escravocratas? Perdeu-se nos cadernos contábeis que abafaram a sua liberdade.

Havia travestis não só ali na Ladeira da Misericórdia, mas também em Fez, na nação Tupinambá, em São Paulo de Luanda, no Deserto do Mojave, em Goa... em todo lugar e tempo, ainda não sendo chamadas ou denominando-se de travestis, porém trazendo outros nomes para esse afeto que nos une até hoje: o de nos reconhecermos onde o cis-tema (ou sistema⁹) nos nega. Guerrilha de ser.

Precisou uma travesti do século XX nomear Xica no século XXI. Travessia.

XICA RETORNA

SerTransNejas

O Rio de Janeiro me abraça, a paisagem e sua gente apaixonada. Sou desejada, sou amada, sou invejada. Eu sou uma pessoa livre: a minha caminhada foi escolha radicalmente minha, da mulher negra que desceu do Planalto Central, filha de mineiras e sergipanos, sou Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste. Ancestralidade. Carioca nascida em Brasília. Eu também sou Brasil.

SerTransNejas: no portão principal da Feira de São Cristóvão, chamada "a dos nordestinos", eu as encontro e nos manifestamos contra mais um feminicídio trans (Figura 2), o da cearense Dandara dos Santos (LUCON, 2017). Nordestina. Outra Sertransneja assassinada pela transfobia, em 15 de fevereiro de 2017, em Fortaleza¹⁰. Lá está Xica Manicongo, elas são muitas nordestinas.

⁹ Termo utilizado, principalmente por transfeministas, para se referir ao sistema cisnormativo e transfóbico que impede o reconhecimento dos direitos fundamentais de pessoas trans. Para aprofundamento, recomendo as leituras de Viviane Vergueiro (2014, 2015) e Laporta (2018).

¹⁰ http://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Dandara_dos_Santos



Figura 2. Manifestação Dandara Presente, realizada em 5 de março de 2017.

Fonte: Assessoria de Imprensa da Coordenadoria especial da Diversidade Sexual da Prefeitura do Rio de Janeiro¹¹.

Uma coletiva de artistas; performers; cantoras; dançarinas; escritoras; cordelistas; trans: eis o Coletivo Xica Manicongo¹², auto-denominado “Movimento de arte, cultura, militância e ativismo. Coletiva LGBT Interseccional de Transdiversidade Cultural Xica Manicongo”!

A sua produção prolífica, mais do que criativa, é, mais precisamente, inovadora, não só por empoderar pessoas trans ao promover o seu protagonismo como aquelas que falam de si e do mundo por si mesmas, mas acima de tudo por suas palavras ditas e escritas gerarem novas narrativas, que entrecruzam sertão e cidade, gênero e tradição.

De sua rica safra já tivemos os cordéis “Xica Manicongo” “Sertransneja”¹³ (Figura 3), “Recortes Visíveis”, “As Sertransnejas: As Peixeiradas da Vida” e “Quilombo Manicongo”.

¹¹ Fonte: <http://www.oestadoce.com.br/geral/manifestacao-feira-de-sao-cristovao-abraca-movimento-trans-dandara-presente>

¹² Página do coletivo no Facebook: <http://www.facebook.com/coletivoxicamanicongo>

¹³ Disponível em <http://outraliteratura.com.br/wp-content/uploads/2018/05/cordel-SERTRANSNEJA.pdf>



Figura 3. Capa do cordel Sertransneja. Xilogravura de autoria de Matheusa Passareli¹⁴ e Tertuliana Lustosa.
Fonte: Coletivo Xica Manicongo (2017).

É um movimento plural, reitero, entretanto, vale lembrar que tem à sua frente, como elas mesmas já se autodenominaram, a balaieira cearense Wescla Vasconcelos, a atriz potiguar Biancka Fernandes e a cordelista piauiense, cabeça de cuia, Tertuliana Lustosa!

Há outras pessoas trans que com elas se encontram, como eu (apesar de ser apenas uma apoiadora e testemunha de suas aventuras, sem contribuir artisticamente com elas), e pessoas cis também. É muito amor envolvido! É um dos nossos quilombos, que ultrapassou a Cidade Maravilhosa e encontrou abrigo na Salvador de Xica.

14 Conhecida como Matheusa, ou Theusa, foi uma pessoa não-binária de 21 anos, estudante de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Em 29 de abril de 2018, após ter tido um surto psicótico durante uma festa de aniversário no bairro do Encantado, tirou as roupas e saiu pelas ruas em direção ao Morro do 18, onde foi encontrada por traficantes, julgada, executada, esquartejada e teve seus restos mortais incinerados. Saiba mais em <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/policia-confirma-assassinato-de-matheusa-em-favela-no-rio>, <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/estudante-matheusa-foi-julgada-antes-de-ser-morta-por-trafficantes-diz-delegada.ghtml>, <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/a-gente-nao-pode-naturalizar-o-sofrimento-diz-irma-de-matheusa-passareli-trans-morta-no-rio.ghtml> e <https://oglobo.globo.com/rio/mae-irmao-prestam-homenagem-matheusa-em-ato-ecumenico-na-uerj-22668857>.

Assim Ela Voltou à Arca

Xica volta à baila, e à sua cidade, como uma pomba, para anunciar boas novas.

Em janeiro de 2017, o Coletivo das Liliths, grupo teatral sediado em Salvador, estreou o espetáculo “Xica”, em referência à personagem histórica e sua representatividade (Figura 4).



Figura 4. Divulgação da peça “Xica”.
Fonte: Portal Soteropreta¹⁵. Foto: Diney Araújo.

O século XXI testemunha o ressurgimento da Xica, como símbolo, heroína, rainha, nas vozes e escritos dessa gente trans contemporânea, que a transforma em âncora desse barco que, pretende-se, prende-nos ao porto tão almejado de algo que se chama “cidadania”. Termo inseguro e assaz inconsistente, inalcançável há milênios para os grupos historicamente discriminados, esse “ser cidadã(ão)... Algo que almejamos por ainda sequer sermos consideradas “gente”. Nós que lutamos para ter reconhecida a nossa mulheridade, estatuto de

¹⁵ <http://portalsoteropreta.com.br/coletivo-das-liliths-apresenta-xica-historia-de-francisco-manicongo>



nossa condição de mulheres, quando mulheres trans. Ou de homens, quando homens trans:

Hoje somos seguidoras de Xica
E fazemos a cada esquina nossa labuta
Não à toa usamos o cordel
Em memória ao nordeste e à sai luta
De tantas Severinas, Marias, Joanas
Somos a voz da Xica que no Brasil se perpetua!
(LUSTOSA, 2017, p. 4).

Xica Manicongo é a mensagem que nos chega do passado e ensina: sigam em frente, transvestigêneres¹⁶! Pois o terreno fértil será para as vozes trans – transformadas em palavras.

À guisa de consideração final, reitera-se o atestado em Jesus (2014a), com relação à construção de memórias coletivas, e se aponta a apropriação e ressignificação da personagem histórica Xica Manicongo, particularmente no século XXI, como um momento de inflexão da consciência da população trans com relação a sua história, e não apenas como um mero registro formal de uma existência determinada.

Tal reconstrução histórica participa, de maneira relevante, da construção de outras perspectivas sobre a multiplicidade de experiências relacionadas à vivência de uma identidade de gênero trans, a partir do protagonismo do próprio grupo social, que apreende seu passado, questiona o presente e constrói o próprio futuro.

Em suma, a denúncia virou poema: cordel. Teatro: ancestralidade em cena. Artigo científico.

REFERÊNCIAS

COLETIVO XICA MANICONGO. **Sertransneja**. Mimeo, 2017.

GONZALEZ, Lélia. A Categoria Político-Cultural de Amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, n. 92/93, 1988, p. 69-82.

¹⁶ Termo criado pelas ativistas Érika Hilton e Indianare Alves Siqueira, em uma mesa de bar, para se referirem de forma coletiva a pessoas transexuais, travestis e demais pessoas transgêneras, segundo depoimento da atriz Renata Carvalho.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **A Verdade Cisgênero**. Blogueiras Feministas, 2015. Disponível em <http://blogueirasfeministas.com/2015/01/a-verdade-cisgenero>

JESUS, Jaqueline Gomes de. Oliveira Silveira na UnB: Memória Coletiva e Políticas de Inclusão Racial. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 7, n. 15, 2014a. p. 4-24. Disponível em <http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/112>

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Transfeminismo: Teorias e Práticas**. Rio de Janeiro: Metanoia Editora, 2014b.

LAPORTA, Lucci Del Santos. **Do Cis-Tema à Soberania Transfeminista. Transfeminismo – feminismo interseccional relacionado às questões trans***, 2018. Disponível em <http://transfeminismo.com/do-cis-tema-a-soberania-transfeminista>

LUCON, Neto. **Quem era Dandara dos Santos, A Travesti que Mostrou a Cara da Transfobia no Brasil ao Mundo**. NLucon, 2017. Disponível em <http://www.nlucon.com/2017/03/quem-era-dandara-dos-santos-travesti.html>

LUSTOSA, Tertuliana. **Xica Manicongo foi Rainha**. Em: Coletivo Xica Manicongo, Xica Manicongo (pp. 2-4), 2017.

MOTT, Luiz. **Homossexuais da Bahia: Dicionário Biográfico (Séculos XVI-XIX)**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 1999.

QUIMBANDA DUDU – Grupo Gay Negro da Bahia. **Boletim do Quimbanda Dudu – Grupo Gay Negro da Bahia: Direitos Humanos, Diversidade Sexual e Cidadania dos Afro-Brasileiros**, n. 6. Bahia, 2005.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VERGUEIRO, Viviane. **Por Inflexões Decoloniais de Corpos e Identidades de Gênero Inconformes: Uma Análise Autoetnográfica da Cisgeneridade como Normatividade**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19685/1/VERGUEIRO%20Viviane%20-%20Por%20inflexoes%20decoloniais%20de%20corpos%20e%20identidades%20de%20genero%20inconformes.pdf>

VERGUEIRO, Viviane. **Por Traições Contra o Sistema**. IBahia, 2014. Disponível em <http://blogs.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/2014/03/17/por-traicoes-contr-o-cistema>